

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE POLÍTICA, ECONOMIA E NEGÓCIOS**

KLEBER UTSUNOMIYA

**ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL DO ESTADO DE
SÃO PAULO A PARTIR DA TEORIA DA BASE EXPORTADORA**

**OSASCO
2021**

KLEBER UTSUNOMIYA

**ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO REGIONAL DO ESTADO DE SÃO
PAULO A PARTIR DA TEORIA DA BASE EXPORTADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Ciências
Econômicas.

Área de concentração: Economia Regional &
Urbana

Orientação: Paulo Costacurta de Sá Porto

**OSASCO
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

U92a

UTSUNOMIYA, Kleber

Análise do desenvolvimento econômico regional do Estado de São Paulo, a partir da Teoria da Base Exportadora / Kleber Utsunomiya. - 2021.

34 f.:il.

Trabalho de conclusão de curso (Ciências Econômicas) Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Costacurta de Sá Porto.

1. Teoria da Base Exportadora. 2. Desenvolvimento econômico regional. 3. Exportação. 4. Ciclo do café. I. Sá Porto, Prof. Dr. Paulo Costacurta de , II. TCC - Unifesp/EPPEN. III. Título.

CDD: 338.98161

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao professor Dr. Paulo de Sá Porto, por ter sido o meu orientador e por todo o apoio, dedicação e confiança.

Aos meus colegas de curso Frederico Fujinami, Lucas Tadeu e Lucas Rosa, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pela camaradagem e troca de experiências que me fizeram crescer não só como aluno, mas como pessoa.

Agradeço todo carinho e afeto da minha namorada Rafaela Caruso Silva que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Também agradeço aos meus familiares que sempre me deram suporte e apoiaram nas minhas decisões.

Por fim, agradeço a todos os professores, que foram essenciais no meu processo de formação, por toda dedicação e por tudo que aprendi durante os anos de curso.

RESUMO

Esta pesquisa visa aplicar a Teoria da Base Exportadora para o caso do desenvolvimento do estado de São Paulo após o período do ciclo do café (1930) até os dias de hoje. Para isso, busca-se em estudos semelhantes e em base de dados históricos, verificar como o desenvolvimento de uma região está intrinsecamente relacionado com as suas exportações, e seus impactos a nível de emprego e renda gerados através do multiplicador de gastos, levando em conta diferentes efeitos (os quais serão discutidos no decorrer do trabalho) que levaram ao desenvolvimento diferenciado de São Paulo através da análise do papel das exportações do café, criando as condições para o desenvolvimento e expansão dos setores não básico, a indústria secundária e terciária, diversificando a base exportadora durante o período de análise.

Palavras-chave: Teoria da Base Exportadora. Desenvolvimento econômico regional. Exportação. Ciclo do café.

ABSTRACT

This research aims to apply the Export Base Theory to the case of the development of the state of São Paulo after the period of the coffee cycle (1930) until today. For this, we will be based on similar studies and on historical data, seeking to verify how the development of a region is intrinsically related to its exports, and its impacts on the level of employment and income generated are given through the expense multiplier, taking into account different effects (which will be discussed in the course of the work) that led to the differentiated development of São Paulo

Keywords: Export Base Theory. Regional Economic development. Exports. Coffee cycle.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Análise da participação do café sobre as exportações. (Pág 17)

Gráfico 2 – Dinâmica do café durante os períodos 1915 a 2020 – Pág 19

Gráfico 3 – Diversificação da base exportadora – Pág 22

Gráfico 4 – Exportações de São Paulo por categorias – Pág 23

Gráfico 5 – Diversificação da base exportadora 1915; 1970; 2000 e 2020 – Pág 24)

Tabela 1 - Mapeamento das categorias de produtos – Pág 14

Tabela 2 - Participação do café no total das exportações do Estado de São Paulo, 1915 a 2020 – Pág 16

Tabela 3 – Evolução das exportações de São Paulo, 1915 a 2020 – Pág 20

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNS - Companhia Siderúrgica Nacional

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PAEG - Programa de Ação Econômica do Governo

PIB – Produto Interno Bruto

SH – Sistema Harmonizado

Sumário

1 INTRODUÇÃO	5
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
3. METODOLOGIA E DADOS	13
4. RESULTADOS	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
7. APÊNDICE	30

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a questão do desenvolvimento econômico regional vem obtendo uma relevância crescente, e tal tema tem sido influenciado pelos processos de globalização e reestruturação produtiva (SÁ PORTO, 2020). Cada vez mais o desenvolvimento econômico regional é vinculado a processos nos quais os governos locais estão engajados em estimular a atividade empresarial e o emprego regional. A ideia é desenvolver oportunidades em setores-alvo de maior crescimento econômico, que melhorem a comunidade e utilizem os recursos humanos, naturais e institucionais existentes (EISINGER, 1988). O fato de as disparidades econômicas e sociais entre as regiões estarem se ampliando na atual conjuntura, é também uma justificativa para uma melhor compreensão das origens de tais desigualdades (CANO et al., 2007).

Com isso em vista, pretende-se neste trabalho analisar o desenvolvimento econômico regional para o Estado de São Paulo a partir de estudo de caso da aplicação da Teoria da Base Exportadora. Tal teoria tenta explicar o desenvolvimento de uma determinada região baseada na demanda externa para os seus produtos (suas exportações, ou atividades básicas), onde através do efeito do multiplicador gerado pelo aumento das exportações resultaria na diversificação da base exportadora e no desenvolvimento das atividades não básicas, voltadas para o mercado interno (NORTH, 1977).

No século XIX e início do XX, São Paulo passou por um período de rápida expansão econômica impulsionado principalmente pela exportação de bens primários, principalmente de café. Este crescimento gerado pelas exportações cafeeiras resultou na construção das primeiras ferrovias brasileiras que escoavam a produção até os portos, além de impulsionar o desenvolvimento da indústria (CANO, 1981; FURTADO, 1959). A identificação dos fatores para o crescimento da região do Estado de São Paulo poderá servir de base para o entendimento das estratégias e políticas de desenvolvimento regional, bem como servir de base de conhecimento para possíveis investimentos e verificar se houve uma mudança da dinâmica produtiva no estado (diversificação da economia paulista) durante os anos de 1920 até os dias atuais.

O café gerou um forte progresso no Estado de São Paulo, mas tornou o estado dependente de setores para a exportação de produtos da economia agroexportadora (CANO, 1981). O desenvolvimento regional do Estado de São Paulo está intrinsecamente relacionado com a demanda de fatores externos à economia, a saber, um aumento na demanda por café inicialmente e depois pelos produtos industriais do estado. Após à dominância do café como principal produto da pauta exportadora paulista, houve uma diversificação significativa nesta pauta, conforme prevê a Teoria da Base Exportadora (SÁ PORTO, 2020).

O objetivo deste estudo é explorar o desenvolvimento econômico regional de São Paulo através da perspectiva da Teoria da Base Exportadora desenvolvida por Douglass North (1955), para assim comprovar a sua aplicabilidade para o Estado, analisar o crescimento gerado pelo café e pelas exportações industriais, além de verificar a diversificação da base exportadora de São Paulo e a dependência externa.

O presente trabalho testará a aplicabilidade da Teoria da Base Exportadora para o Estado de São Paulo, analisando a concentração e a diversificação dos setores e os produtos exportados de São Paulo do século XX, a fim de verificar se ocorreu uma diversificação de sua base exportadora ao longo do tempo e um aumento de sua complexidade econômica, desde os anos 1920 até os dias de hoje.

O presente trabalho contribui para a compreensão do desenvolvimento regional de São Paulo apontando os principais fatores que resultaram no seu crescimento, para assim se aplicar a outras regiões. Contribui também para a elaboração de planos de longo prazo que visam o melhoramento da comunidade, além de colaborar fornecendo informações para a formulação de políticas de desenvolvimento regional.

Além desta introdução, este trabalho tem cinco seções. Na próxima seção, será apresentada a revisão da literatura sobre o tema. Na terceira seção serão delineados a metodologia e os dados utilizados. Na quarta seção será apresentado os principais resultados, e nas últimas seções algumas considerações finais à guisa de conclusão e listaremos as referências bibliográficas aqui utilizadas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Teoria da Base Exportadora

Douglass North em 1955 elabora a Teoria da Base Exportadora na contestação das teorias consolidadas na época, no qual tentavam explicar o crescimento das regiões através de estágios. Dentre essas teorias se destacam a Teoria do Crescimento Econômico Regional neoclássica desenvolvida por Johann Heinrich von Thünen, Alfred Weber, François Perroux, e August Lösch, entre outros.

North observou que a economia Norte Americana não se encaixava aos pressupostos da Teoria dos Estágios. Tal teoria considerava que uma região em seu estado original sem influência externa inicialmente se basearia na economia de subsistência, auto suficiente e agrícola, que na sequência se desenvolveria através do comércio e da especialização local, viabilizados por melhorias nos transportes. No próximo estágio o crescimento regional se daria com a comercialização inter-regional e a diversificação das atividades agropecuárias, criando assim as condições para o aparecimento da indústria de manufaturas, tendo em vista os rendimentos decrescentes da agricultura e das indústrias extrativas. No estágio final a região se desenvolveria através bens industriais e serviços e alcançaria uma autonomia suficiente para alcançar o desenvolvimento (NORTH, 1977).

A principal dificuldade da teoria dos estágios é que possui pouca relevância para explicar o desenvolvimento de regiões que sofreram o processo de colonização recente (o que North chamou de regiões novas), sendo assim tais teorias tinham pouca compatibilidade de explicação para o desenvolvimento da economia norte americana. Em seu estudo, North se baseia na tradição Keynesiana do modelo macroeconômico de demanda agregada, e analisa a região do Pacífico Noroeste dos Estados Unidos, cujo desenvolvimento foi baseado na produção e exportação de dois produtos principais (trigo e madeira); o restante do setor secundário e terciário destinava-se a atender as necessidades do consumo local. A princípio o fator fundamental para o

desenvolvimento da região foi a capacidade de produzir bens exportáveis e a demanda dessas matérias em outras regiões (NORTH, 1977).

O autor afirma que o sucesso da base de exportação desempenha um fator essencial na determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região, no desenvolvimento de indústrias secundárias e terciárias, nas decisões sociais e políticas, no tipo da força de trabalho e na sensibilidade da renda e do emprego. O conceito de base de exportação, desenvolvida por North, designa os produtos exportáveis de uma região, refletindo uma vantagem comparativa nos custos relativos da produção do bem exportável, incluindo os custos de transação e distribuição que refletem intrinsecamente nos custos totais de produção. À medida em que se dá o crescimento dessa região, os setores básicos se expandem através da demanda externa, que por sua vez gera uma expansão dos setores não básicos (setores que dão suporte e que atendem primariamente à demanda interna) através do efeito do multiplicador regional (SÁ PORTO, 2020).

Para analisar o efeito das exportações sobre a região, utilizamos o modelo de multiplicador regional, baseado no modelo macroeconômico simplificado de determinação da renda:

$$Y = C + X - M$$

Y = renda regional

C = consumo

X = exportações

M = importações

e

$$C = cY$$

$$M = mY$$

X = X' (variável exógena)

c, m = propensão a consumir e a importar

Realizando algumas transformações e substituições, observa-se que:

$$Y = X' / (1 - c + m)$$

Ou seja, a renda (Y) depende do nível de exportação (X'): quanto maior for a propensão a consumir maior será o multiplicador, e o inverso se aplica com a propensão a importar. Assim, a especialização regional na produção de um bem permite que ele seja mais facilmente exportável, o que gera renda, estimula o emprego e o efeito do multiplicador (LINS, 2008).

Jacobs (1969) relaciona o conceito de base de exportação em sua teoria sobre o crescimento econômico das cidades. Segundo a autora, para uma região se desenvolver é de enorme significância a exportação de bens e a produção interna desses bens e serviços para a atividade exportadora e o abastecimento do mercado local. Uma região cresce através de um processo de diversificação de sua base exportadora em conjunto com a diferenciação de sua economia, ou seja, as atividades voltadas para a exportação (trabalho exportador) estimulam as atividades produtivas voltadas para o mercado interno. Esse processo de crescimento é sustentado pela adição de novo trabalho na economia, através da especialização da produção, os produtos internos passarão a ser exportados e novos produtos serão desenvolvidos para suprir o mercado interno.

Ou seja, para criar e recriar a economia é necessário a adição de novo trabalho; economias que não conseguem se inovar e criar novos bens e serviços acabam se estagnando e não se desenvolvem. Segundo Jacobs (1969), somente através da diversificação do trabalho a região conseguirá alcançar o desenvolvimento. Então, para uma região progredir economicamente é fundamental adicionar novo trabalho em diferentes períodos de tempo. Ou seja, o processo de inovação (adicionar trabalho) e o processo de diversificação (substituir por trabalho local atividades antes importadas) devem se adaptar continuamente (FERREIRA; LEMOS, 2000).

Assim, o papel das exportações é fundamental para se alcançar o desenvolvimento de uma região; porém, apenas essa variável não sustenta todo o sistema, é necessário ter as condições para que o capital gerado pelas exportações seja reinvestido para o desenvolvimento do mercado interno. Para North (1955), a condição inicial é que a região detenha de recursos que são demandados por outras regiões, e a segunda condição necessária é que a

produção nacional seja produzida a um custo competitivo, assim a região mais produtiva em relação a um determinado bem se especializa e consegue ganhos no mercado internacional (como na teoria clássica de comércio internacional de Smith e Ricardo). Cabe lembrar a importância também de organizações de comercialização, sistemas de crédito e de transportes, a existência de mão de obra qualificada, de indústrias complementares e a presença de instituições fortes, a fim de aumentar a competitividade dos produtos exportados no cenário internacional.

Também para North (1955), a industrialização não é um fator fundamental para o desenvolvimento de uma região, pois uma economia pode manter a dinâmica através da exportação de bens agrícolas, para assim conseguir eventualmente desenvolver as atividades secundárias e terciárias direcionadas para o mercado interno

A especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes para a ampliação do mercado regional, para assim gerar um crescimento da indústria e de serviços auxiliares, e através do efeito do multiplicador outros setores locais poderão se desenvolver localmente. Assim, através de um processo de substituição de exportação, insumos que eram importados passam a ser produzidos na região, internalizando a produção desses bens, ampliando e diversificando a base exportadora. Isto resulta no crescimento de áreas e serviços urbanos, e o investimento crescente na educação e pesquisa amplia o seu potencial tecnológico, desenvolvendo novos setores exportadores. Desse modo, a região poderá ampliar a base exportadora, aumentando a diversidade econômica local (SÁ PORTO, 2020).

2.2 A industrialização de São Paulo e o café

O início do processo industrial de São Paulo no princípio do século XX coincide com a expansão da produção cafeeira e com a entrada maciça dos imigrantes europeus que buscavam melhores condições de vida. Nesse período os primeiros reflexos da nova dinâmica industrial surgem em meio do dinamismo dos cafezais. As primeiras fábricas começam a aparecer e junto a isso, as mudanças do mecanismo capitalista de produção (mão de obra livre) e as

mudanças nas relações de trabalho, aos poucos a antiga “capital dos fazendeiros” começa a se transformar na “capital da indústria” (CARDOSO, 1960).

O café propiciou a acumulação de capital no período anterior à crise de 1929 pelo alto nível de renda gerado através da exportação desse bem, fator este indutor da acumulação do complexo, gerando as condições necessárias do Brasil poder importar produtos no período. Ou seja, o café, além de contribuir para a expansão da economia, também serviu para testar até que o ponto o Estado poderia se endividar (CANO, 1998).

Quando o café começa a dar sinais de esgotamento, causando problemas na balança de pagamentos do país, a formação paulatina e em paralelo de um complexo industrial em São Paulo se torna algo viável para contornar essa situação e retomar o desenvolvimento regional através do processo de substituição de importação. A crescente demanda de crédito pela indústria também passou a ter canais prioritários de atendimento, ocasionando o início da polarização do desenvolvimento econômico no Brasil, ou seja, a concentração em São Paulo (SÁ PORTO, 2020).

Na perspectiva de Celso Furtado (1959), a industrialização paulista ocorreu devido as crises da economia cafeeira, onde as quedas nas exportações geraram uma retração nas importações de bens industriais e ao mesmo tempo estimulou a produção industrial interna. Em 1920, os rendimentos do café já não eram mais os mesmos do final do século anterior. Segmentos como o da metalurgia e química haviam crescido tanto ou mais quanto o café, setores que criaram as condições para o aparecimento das indústrias. Isto resultou na diversificação da estrutura produtiva, aumento de capacidade ociosa, expansão do mercado interno e ampliação dos efeitos da urbanização. Paradoxalmente o surgimento da indústria, embora substituísse as importações de bens de consumo, também demandava importar ainda mais máquinas e componentes.

Entre 1930 e 1945, com Getúlio Vargas na presidência, o país e principalmente São Paulo progride com relação à industrialização, através de uma pauta de política nacional de desenvolvimento, algo inédito até então.

O PIB do Brasil se beneficiou, entre 1928 e 1939, do crescimento da indústria de transformação em São Paulo, que cresceu à taxa média anual de 7,3%, sendo a do restante do Brasil de 6,4%. Entre 1939 e 1949, elas foram, respectivamente, 9,8% e 7,8% (CANO, 1998). As medidas anticíclicas do café representaram um efeito positivo na renda, resultando no aumento do consumo de bens básicos, o que estimulou o desenvolvimento da indústria para atender essa demanda, o que foi facilitado pela alta capacidade ociosa industrial, através da substituição de importação, forçando a integração do mercado nacional. Assim que a capacidade ociosa se esgotava, novas plantas eram implantadas em novos segmentos, exercendo altas pressões sobre as importações.

Com a indústria de base consolidada, no governo de Juscelino Kubitschek houve o desenvolvimento da indústria de bens e consumo através do plano de metas. Apesar do período de crescimento acelerado, gerou também um alto endividamento do estado, acarretando em uma severa crise fiscal e estagnação econômica, refletindo em 1964 no período militar. A estagnação do início dos anos 1960 é resultado do esgotamento do processo de substituição de importação, segundo Furtado (1961), que destaca o passado agrário colonial do Brasil, que favoreceu as condições de concentração de renda, e impedia o surgimento de uma demanda de consumo de massa. Para a superação da estagnação e do subdesenvolvimento, Furtado (1961) indica um caminho através de um plano nacional de desenvolvimento na utilização do capital escasso para a industrialização de setores que demandem menos capital e mais trabalho, resultando em emprego e estímulo ao consumo.

No período militar a partir de 1964, se tem a instauração do PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo), o que acarretou em medidas de curto prazo para combater a inflação. Nos anos seguintes implementou os planos de desenvolvimento PND I e II, que visavam desenvolver os setores que completariam a matriz industrial brasileira que ainda faltavam desenvolver no país, além de aprofundar o desenvolvimento da infraestrutura (rodovias e portos), comunicações e urbanização (GIAMBIAGI, 2011). A partir de então, o café perde significância paulatinamente na economia nacional, sendo que bens industriais crescentemente fazem parte da pauta industrial das exportações paulistas e brasileiras.

3. METODOLOGIA E DADOS

Este presente estudo pretende avaliar o impacto das exportações para o desenvolvimento industrial de São Paulo, e para isso foram coletados dados referentes a exportação do Estado a partir de 1915 até os dias de hoje. O objetivo é verificar a importância da exportação do café na economia de São Paulo, e mostrar como esta importância foi diminuindo, à medida que outras exportações foram substituindo-as. Isto é evidência de que a economia paulista, após se desenvolver como economia agroexportadora de café no início do século XX, criou as condições de acumulação para o início do processo de industrialização e uma posterior diversificação, assim como sustenta a Teoria da Base Exportadora.

Para tal, foi feita uma análise histórica acompanhando a evolução das exportações do café, de outros produtos agrícolas e de produtos industriais (veículos, maquinário, etc) em relação ao total das exportações internacionais. A ideia é mostrar que, ao passar do tempo, a pauta exportadora se diversificou e se tornou mais complexa, comprovando a aplicabilidade da Teoria da Base Exportadora para o Estado de São Paulo.

Os dados coletados de 1920 até 1980 dos Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo fornecidos pela Fundação Estadual de Análise de Dados (SEADE) foram separados e compilados em algumas classes de produtos, conforme pode-se ver na Tabela 1. Note que foram coletados dados de exportação para outros países do mundo sem incluir os dados de exportações para outras regiões. Embora estas sejam importantes para a formação da base exportadora de um estado, não são disponíveis no Brasil dados de exportações inter-regionais.

Tabela 1: Mapeamento das categorias de produtos em códigos SHs

Categorias de produtos	Classes dos produtos	Códigos SH
1 - Café	Café em grão	SH 09
2 - Animais e seus produtos / matérias primas	Animais vivos e produtos do reino animal; Peles, couro, peleteria e obras dessas matérias; Peles e couro; Gorduras e Óleos animais; Lã, pelos e crinas, etc.	SH 01 a 05
3 - Minerais	Produtos minerais; Metais comum; Minério de Ferro, etc.	SH 25 a 27
4 - Vegetais e seus produtos	Produtos do reino vegetal; Café cru; algodão; amendoim; Açúcar; bananas; Milho; Soja; algodão, etc.	SH 06 a 24
5 - Manufaturas (indústria leve)	Vestuário e seus acessórios; Calçados, chapéu e artigos de uso semelhantes; etc.	SH 54 a 83; 90 a 97
6 - Maquinário e veículos (indústria pesada)	Máquinas e aparelhos elétricos; Material de Transporte; Veículos Automóveis, Tratores; motocicletas, etc.	SH 84 a 89
7 - Outros e Semimanufaturados	Produtos das indústrias químicas, entre outros.	SH 28 a 53; 99

Fonte: SEADE e elaboração do autor

Os dados a partir de 1989 seguem categorizados pelo Sistema Harmonizado (SH) e pela Nomenclatura Brasileira de Mercadoria (NBM), onde foram categorizados e analisados o percentual das exportações. Foram mapeados os SHs de cada categoria para desenvolver a análise, além da construção de um banco de dados históricos sobre as exportações do Estado de São Paulo.

As categorias da Tabela 1 foram então mapeadas seguindo os critérios do Sistema Harmonizado (SH2) que é uma nomenclatura internacional de padronização de mercadorias importadas e exportadas. Estão divididas conforme o grau de fator agregado dos produtos (produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados) da seguinte forma: 1) Animais e seus produtos representam todos os produtos de origem animal que são representadas pelos SH2 01 até o 05; 2) Minerais (combustíveis minerais, minérios, sal, etc) representam aos SH2 25 a 27; 3) Vegetais, frutas e seus

produtos são todos os produtos de origem vegetal como o café, soja, frutas e o açúcar, que foram mapeados pelos SH2 06 até o 24; 4) Manufaturas representam os têxteis e os produtos industrializados, sendo representados pelos SH2 54 a 83 e 90 a 97; 5) Maquinário e veículos são os setores da indústria pesada que são intensivas em investimentos como a de automóveis, aeronaves, maquinário e eletrônico, e estão representadas pelos SH2 84 a 89; 6) Outros e semimanufaturados são a indústria química e os produtos semimanufaturados, estão mapeados pelos SH2 28 a 53 e 99. A lista dos SH2 pode ser verificada no Apêndice 1 desse trabalho.

4. RESULTADOS

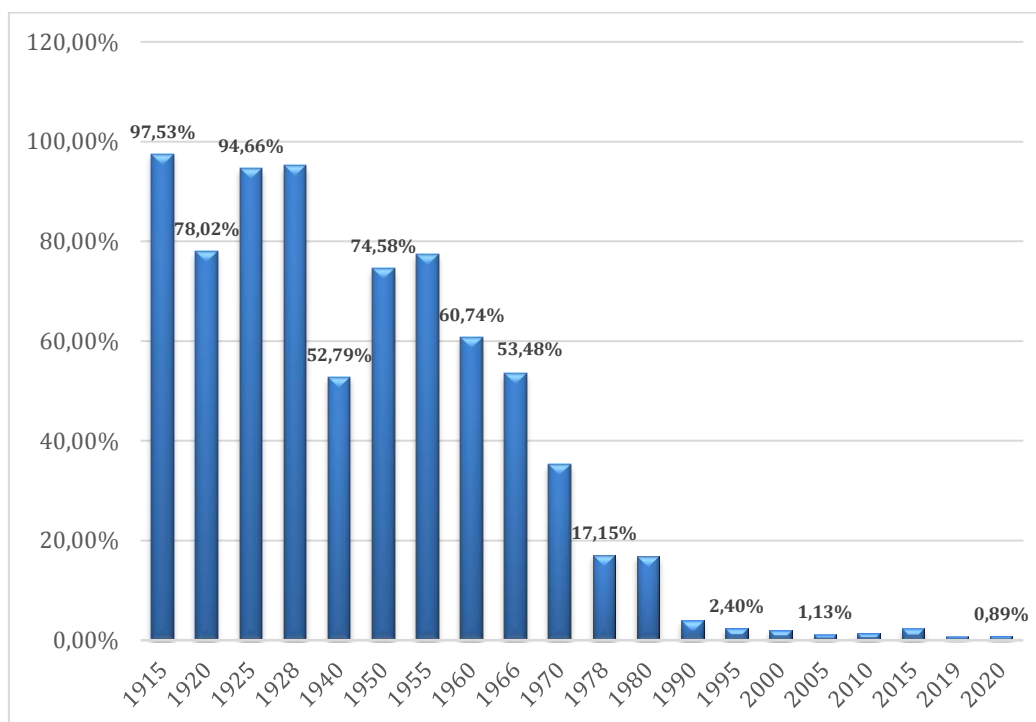
4.1 A participação do café sobre o total das exportações paulista.

A Tabela 2 e o Gráfico 1 apresentam os principais resultados do modelo projetado. Observa-se que em 1915 o café representava 97,53% do total das exportações de São Paulo, visto a sua relevância e os altos rendimentos que esse produto fornecia; no período seguinte (1920) é possível analisar o impacto da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) que fez com que diminuísse a demanda de café, esse que representaria 78,02% do total das exportações paulistas. Em 1925 e 1928 o café se recupera e retorna ao seu posto de principal produto exportado, visto que representava 94,66% e 95,20% respectivamente sobre o total das exportações. Daqui em diante o café vai perdendo aos poucos a sua relevância sobre as exportações; o segundo grande choque do café foi através da crise de 1929, que quebrou o pacto da política do café com leite, caracterizada pela hegemonia da oligarquia cafeeira, além de deixar evidente a vulnerabilidade da economia brasileira dependente da exportação de um único produto, o café. A formação de uma economia mono exportadora foi fortemente impactada com a crise de 1929 com a quebra dos mercados acionários do mundo refletindo na queda dos preços das commodities, além da diminuição da renda e do consumo do mundo, fazendo com que a exportação do café despencasse nos anos seguintes (CANO 2000).

Tabela 2: Participação do café no total das exportações do Estado de São Paulo, 1915 a 2020.

Ano	Participação do Café no Total das Exportações (%)
1915	97,53%
1920	78,02%
1925	94,66%
1928	95,20%
1940	52,79%
1950	74,58%
1955	77,39%
1960	60,74%
1966	53,48%
1970	35,38%
1978	17,15%
1980	16,82%
1990	3,88%
1995	2,40%
2000	2,04%
2005	1,13%
2010	1,48%
2015	2,36%
2019	0,73%
2020	0,89%

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

Gráfico 1: Participação do café sobre o total das exportações, 1915 a 2020

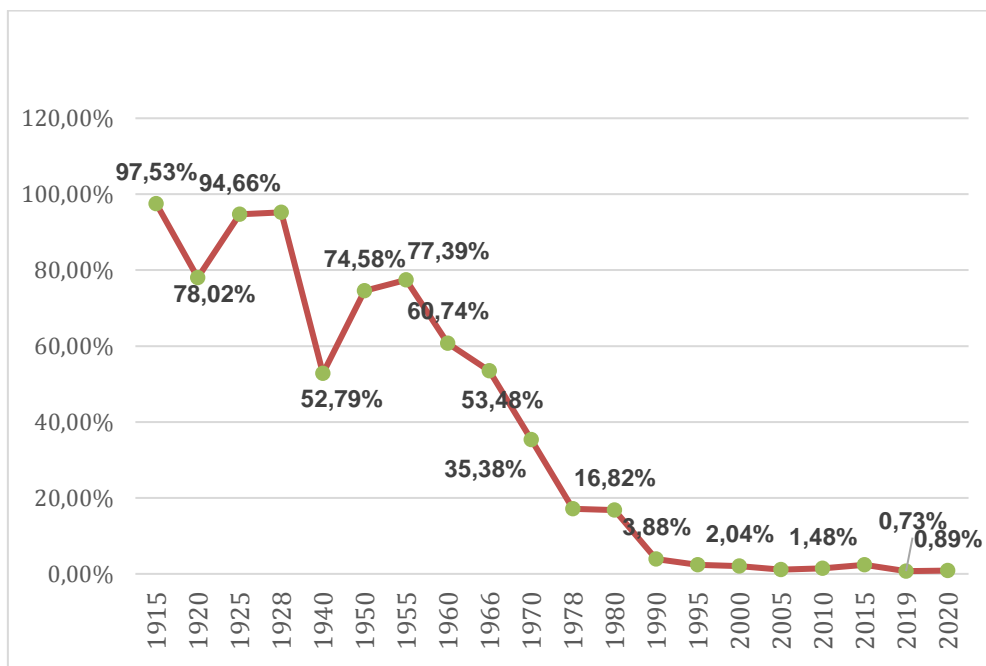
Fonte: Elaboração do autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

Já em 1940 a participação do café sobre as exportações diminuiu para 52,79% (como observa-se na Tabela 2 e no Gráfico 1), resultado da eclosão da segunda Guerra Mundial que fez cair a demanda do café. Nesse período Getúlio Vargas já havia assumido o poder em 1930, a dinâmica de São Paulo passa a ser regida através de seu projeto de industrialização e a formação da indústria de base, com a criação da Vale do Rio Doce, empresa responsável pela exploração de minerais utilizados na indústria; Companhia Siderúrgica Nacional, centro de produção de aço; e a criação da Petrobras, importante produtora de energia. A Era Vargas também é caracterizada pela consolidação das leis trabalhistas, necessária para a organização das relações de trabalho.

O café ainda tem a sua relevância na economia paulista até 1966 onde representava mais da metade do total das exportações, porém diversas geadas que destruíam as plantações de café e impactaram a região. A mais severa ocorreu em 1975 que ficou conhecida como a Geada Negra, a qual dizimou as plantações de café, fazendo com que tais produtores migrassem para outros

estados ou mudasse de cultivo, tais como Minas Gerais. No Gráfico 1, o efeito da Geada Negra é visível; enquanto em 1970 o café representava 35,38% do total das exportações paulista, em 1978 (após a geada) o café representava apenas 17,15% do total das exportações.

A partir de então a participação do café sobre as exportações foi diminuindo a cada período, 16,82% em 1980, 2,04% em 2000 e em 2020 último período coletado o café representava apenas 0,89% do total das exportações de São Paulo. Diversos fatores climáticos e políticos foram responsáveis pela diversificação da base exportadora que será abordada de forma detalhada no próximo capítulo.

Gráfico 2: Participação do café sobre o total das exportações, 1915 a 2020

Fonte: Próprio autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

No Gráfico 2 observa-se as variações do café sobre as exportações de São Paulo, a queda representada pela primeira guerra mundial em 1920, a crise de 1929, a mudança da dinâmica após 1950 com o desenvolvimento da indústria de base e os fatores climáticos que afetaram as plantações de café em 1975. Fica evidente que o café teve papel fundamental para criar as condições necessárias para que a base exportadora de São Paulo se diversificasse, visto que em 1915 o café representava praticamente o total das exportações do estado (97,53%), assim como fundamenta North na Teoria da Base Exportadora, através de uma demanda externa, o café conseguiu criar as circunstâncias necessárias para diversificar a base exportadora de São Paulo através do efeito do multiplicador.

4.2 Análise do total das exportações

Tabela 3: Evolução das exportações do Estado de São Paulo, 1915 a 2020

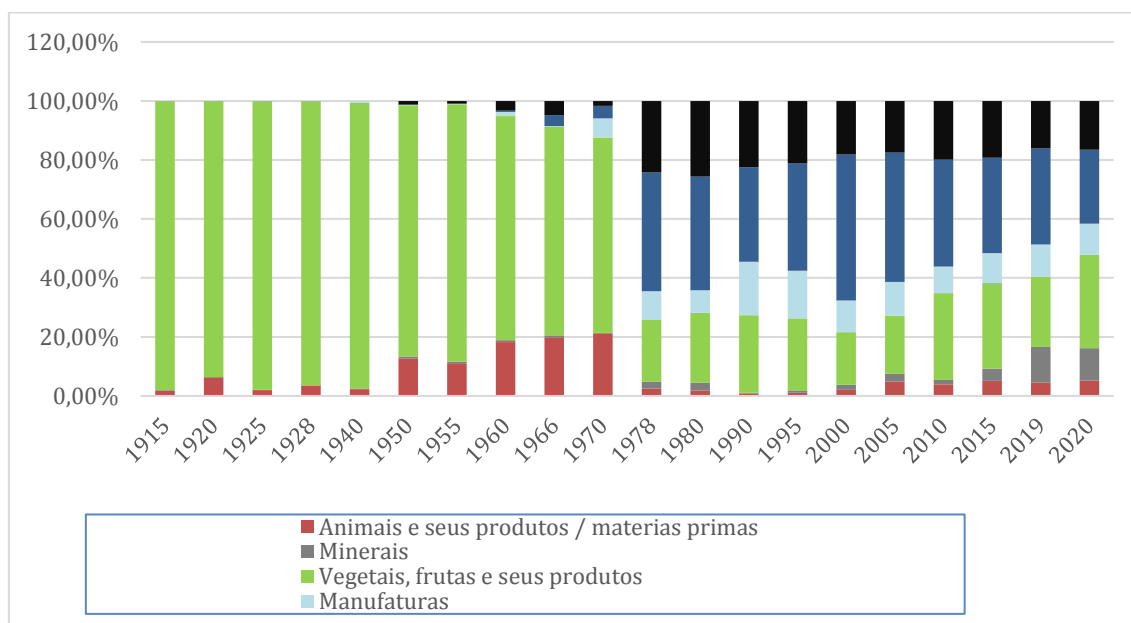
	1 - Animais e seus produtos / matérias primas (%)	2 - Minerais (%)	3 - Vegetais, frutas e seus produtos (%)	4- Manufaturas (%)	5- Maquinário e veículos (%)	6 - Outros e Semi-manufaturados (%)
1915	1,90%	0,05%	98,05%			
1920	6,29%	0,11%	93,60%			
1925	1,99%	0,04%	97,97%			
1928	3,45%	0,05%	96,50%			
1940	2,33%	0,22%	96,86%	0,59%		
1950	12,66%	0,73%	85,19%	0,13%	0,11%	1,19%
1955	10,84%	0,79%	87,22%	0,09%	0,17%	0,90%
1960	18,22%	0,64%	76,01%	1,34%	0,46%	3,33%
1966	19,85%	0,68%	70,84%	0,16%	3,64%	4,83%
1970	21,05%	0,38%	66,07%	6,58%	4,24%	1,67%
1978	2,48%	2,26%	20,99%	9,79%	40,18%	24,29%
1980	1,88%	2,59%	23,73%	7,64%	38,52%	25,64%
1990	0,81%	0,28%	26,29%	18,12%	31,94%	22,55%
1995	1,15%	0,73%	24,43%	16,15%	36,29%	21,25%
2000	2,06%	1,78%	17,74%	10,76%	49,53%	18,13%
2005	4,87%	2,65%	19,66%	11,48%	43,77%	17,57%
2010	3,87%	1,55%	29,38%	9,05%	36,25%	19,90%
2015	5,10%	4,11%	29,16%	10,09%	32,33%	19,22%
2019	4,56%	12,04%	23,76%	10,97%	32,53%	16,13%
2020	5,21%	10,96%	31,71%	10,52%	25,09%	16,51%

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

Deduz-se com as exportações de São Paulo na Tabela 3, é possível verificar o papel fundamental do café que se encontra na categoria 3- Vegetais, frutas e seus produtos visto que em 1915 ele representava praticamente o total das exportações 98,05%, apenas o café era de 97,53%, nesse período ainda não exportávamos produtos industriais, tal categoria só iria aparecer quando os rendimentos do café despencasse em 1940 após a crise de 1929, início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e tomada de poder de Vargas (1930 – 1945). Fazendo com que o foco das exportações mudasse com o início dos investimentos na indústria de base e modernização da agricultura, em 1950 tem um aumento nas exportações de produtos de origem animal representando 12,66% no total das exportações, resultado da modernização da agropecuária,

e também se observa o surgimento da exportação de produtos industriais, 0,13% de manufaturados e 0,11% de maquinários.

Nos períodos seguintes em 1955, 1960, 1966 e 1970 é possível observar que a base exportadora se torna mais diversificada, pois há um aumento na exportação de produtos de origem animal, manufaturados e maquinários, resultado das medidas implementadas no Governo de Juscelino Kubitschek (1955 – 1960) com o Plano de Metas cujo objetivo era a dinamização e formação da indústria pesada (automóveis, maquinário, aeronaves, etc), nesse período também ocorre o processo de modernização da agricultura auferindo a maiores rendimentos das lavouras criando as condições para a produção de soja e pecuária, em 1964 é implementado o período militar (1964 – 1985) impulsionando novamente a pecuária e a indústria, podemos observar na Tabela 3 que os produtos exportados derivados de animais atinge o seu pico de 21,05% do total das exportações, produtos de origem vegetal teve uma queda representando 66,07%, as manufaturas representavam 6.58% e a indústria pesada 4,24%.

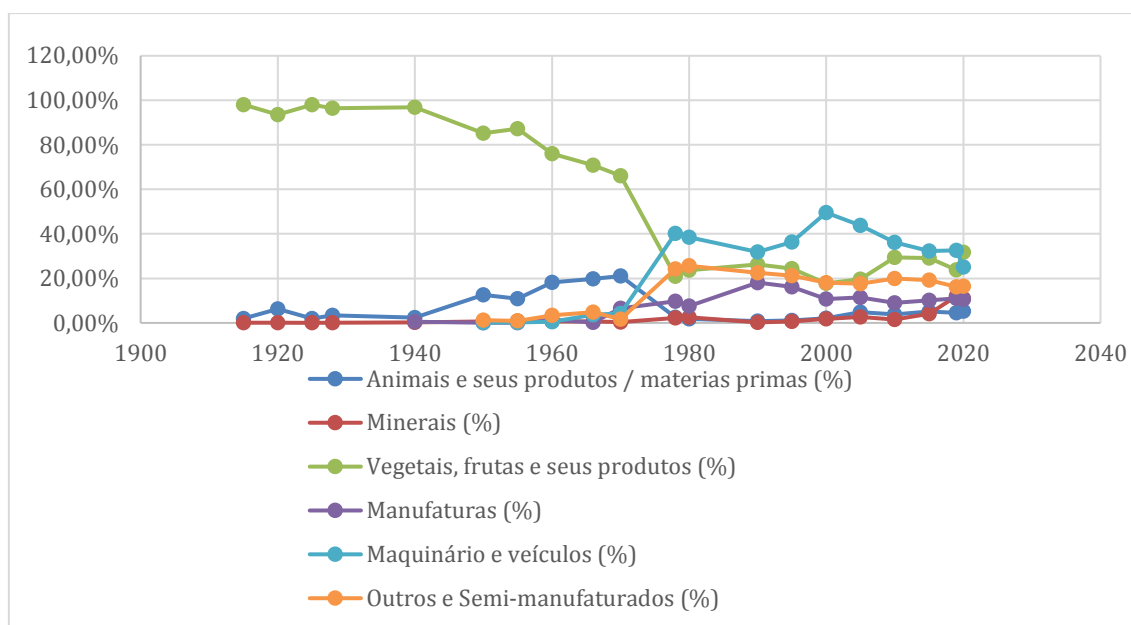
Gráfico 3: Evolução das exportações de São Paulo, 1915 a 2020

Fonte: Próprio autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

No Gráfico 3 é possível observar de maneira mais simplificada as mudanças ocorridas a partir de 1978, mostrando a consolidação da diversificação da base exportadora de São Paulo com diversas medidas adotadas no período militar como o Plano de Ação Econômica (PAEG 1964 – 1967) e os I e II PND (1974 – 1979), fez com que as exportações de veículos e maquinários representavam 40,18% do total das exportações, as exportações de vegetais, frutas e seus produtos (inclusive o café) foram afetadas por diversas geadas, mencionadas na seção anterior, representando apenas 20,99% do total das exportações. Nos períodos seguintes o café perde relevância, e a soja, suco de laranja, pecuária e produtos industriais ganham maior significância nas exportações do Estado. Em 2010 em diante com a descoberta do pré-sal, o petróleo se torna o principal produto exportado do estado, aumentando as exportações da categoria 2- Minerais, representando 1,55% em 2010, 4,11% em 2015 e 10,24% em 2020 sobre o total das exportações. Nesse mesmo período a categoria 3- vegetais, frutas e seus produtos teve um aumento significativo, pois em 2000 ela representava 17,74% do total das exportações e em 2020 ela representava 31,71%, impulsionada pelo açúcar e soja. Em contrapartida a

categoria 5- maquinário e veículos teve uma diminuição significativa, de 49,53% em 2000 para 25,09% sobre o total das exportações de São Paulo em 2020, representando um processo de desindustrialização.

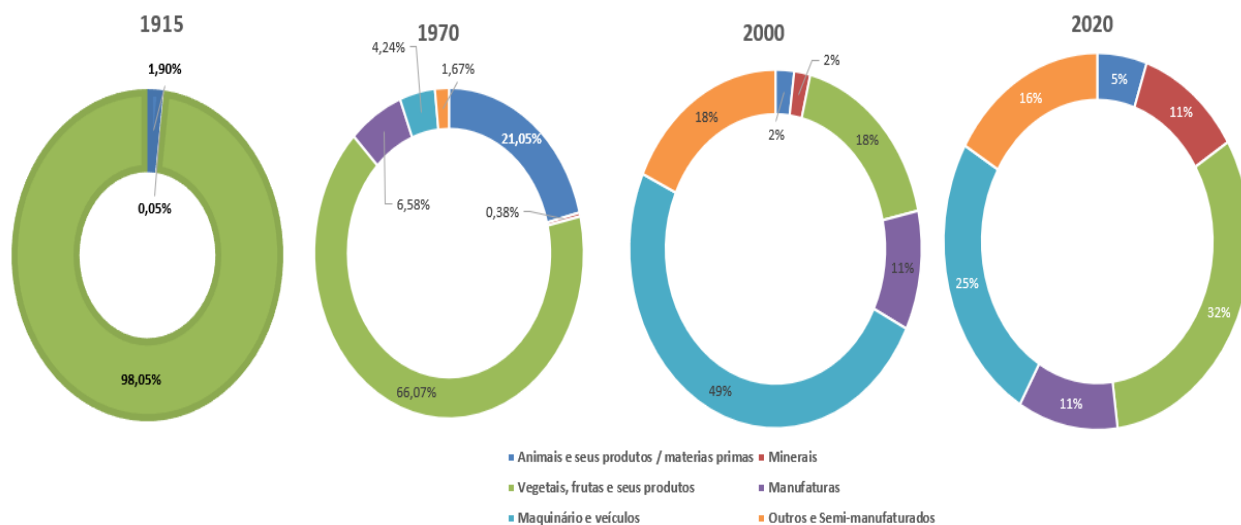
Gráfico 4: Exportações de São Paulo, 1915 a 2020



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat.

No Gráfico 4 observa-se toda a trajetória do café e a sua importância para a diversificação da base exportadora de São Paulo, visto que até 1950 a economia paulista era altamente dependente de um único produto exportado, as crises (Primeira Guerra Mundial, crise de 1929, Segunda Guerra Mundial) mostraram que tal dinâmica não era sustentável, fazendo com que mudanças políticas e estruturais ocorressem na Era Vargas, Governo de JK, período militar e modernização da agricultura, cujo o foco era o desenvolvimento da indústria de base e de bens de consumo, consolidando assim a diversificação da base exportadora de São Paulo.

Gráfico 5: Diversificação da base exportadora, 1915; 1970; 2000 e 2020.



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados dos Anuário Estatístico do Estado de São Paulo (1915, 1920, 1925, 1928, 1940, 1950, 1955, 1960, 1966, 1970, 1980); Fundação SEADE e Comexstat

No gráfico 5, fica evidente a diversificação da base exportadora de São Paulo, através dos quatro recortes temporais, no qual em 1915 São Paulo exportava praticamente apenas vegetais e seus produtos. Em 1970 quando os investimentos nas indústrias secundárias e terciárias já estão maturados, se observa diversificação da base exportadora através da participação dos produtos manufaturados e industriais como maquinário e veículos, nas exportações. Em 2000, a exportação da indústria pesada (maquinário e veículos) representavam praticamente metade do total das exportações (49%), apesar do café perder a sua significância sobre as exportações, vegetais e seus produtos ainda representava uma porcentagem elevada sustentada pela exportação de soja, suco de laranja e açúcar. Em 2020 as exportações do Estado foram fortemente impactadas, decorrente pela crise sanitária causado pelo Covid afetando a exportação de maquinários e veículos (indústria pesada), sendo assim vegetais e seus produtos representava a maior parcela das exportações 32%. A partir de 2010 com a descoberta do pré-sal, o petróleo passou a ser o nosso principal produto exportado, representando o aumento das exportações de minerais 11%.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo observou-se o impacto das exportações para o desenvolvimento de São Paulo, testando a aplicabilidade da Teoria da Base Exportadora de North (1955). A diversificação da base de exportação desempenha um fator essencial na determinação do nível de renda absoluta e per capita de uma região, no desenvolvimento de indústrias secundárias e terciárias, nas decisões sociais e políticas, no tipo da força de trabalho e na sensibilidade da renda e do emprego, no qual uma demanda externa de um bem básico é capaz de gerar o desenvolvimento interno de uma região através do efeito do multiplicador.

Foi possível verificar o papel das exportações do café; seu protagonismo foi essencial para criar as condições para o desenvolvimento das indústrias em São Paulo. Ou seja, o capital gerado pelas exportações do café resultou no desenvolvimento regional e o surgimento das primeiras indústrias de base através do efeito do multiplicador, outros fatores também foram determinantes para o desenvolvimento de São Paulo como uma rede de transportes eficientes, instituições fortes e mão de obra qualificada.

Foram necessárias três grandes crises mundiais para mostrar a nossa vulnerabilidade econômica, a Primeira Guerra Mundial, a crise de 29 e a Segunda Guerra Mundial. Em todos esses períodos a demanda internacional de café diminuiu drasticamente afetando diretamente a nossa economia agroexportadora dependente de um único produto, mudando assim a nossa dinâmica política e econômica a partir de 1930, cujo o objetivo seria a industrialização.

O surgimento das primeiras indústrias de base em São Paulo ocorre a partir de 1940 com a criação da Vale do Rio Doce, empresa responsável pela exploração de minerais utilizados na indústria, Companhia Siderúrgica Nacional, centro de produção de aço e a criação da Petrobras, importante produtora de energia, é possível observar nas tabelas 2 e 3 que a partir desse período a nossa base exportadora está mais diversificada que em 1915, onde o café representava praticamente o total das exportações,

A consolidação da diversificação da base exportadora só irá ocorrer em 1978, após a maturação dos investimentos realizados durante o período militar, que, apesar de ocorrer o aumento do endividamento externo, nos tornando ainda mais dependente do capital estrangeiro, as indústrias pesadas (veículos, maquinário, aeronave) já se estabilizaram ao ponto de começarem a exportar tais produtos com maior valor agregado. Outro fator que contribuiu para a diversificação da pauta exportadora foi a modernização da agricultura, que em 1970 já estava avançada, lavouras com maiores rendimentos, grãos geneticamente modificados, mecanização do campo e utilização de agrotóxicos criaram as condições para a exportação de outras culturas além do café.

Nos períodos seguintes de 1980 até 2005, as exportações permanecem constantes, apesar dos fatores conjunturais, como a hiper inflação, governo Collor Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Lula, vale destacar o aumento significativo das exportações de veículos e maquinário durante os anos 2000 até 2005, representando praticamente a metade do total das exportações.

A partir de 2010 a exportação de minérios e de produtos vegetais começam a ganhar maior significância; os motivos são o aumento das exportações de minério de ferro, soja, açúcar e suco de laranja, as exportações referentes a indústria pesada apesar de ainda serem de extrema relevância em São Paulo, a região vem sofrendo um processo de desindustrialização que certamente será fortemente impactada na atual pandemia.

Por fim, quanto aos resultados do modelo, observou que a Teoria da Base Exportadora se aplica para a região de São Paulo, visto que, a partir da exportação de um bem básico, o café, houve as condições para o desenvolvimento e expansão dos setores não básico, através dos investimentos públicos para a indústria secundária e terciária, como o caso da Vale e da Petrobras que foram a base para o desenvolvimento da indústria em conjunto com o investimento externo ocorrido no governo JK e período militar diversificando a base exportadora de São Paulo durante o período de análise.

Além disso, observou-se a evolução das exportações de São Paulo, evidenciando a vulnerabilidade econômica em períodos de crise, mostrando assim que é necessário uma dinâmica de desenvolvimento menos dependente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo P. A Economia Brasileira de 1930-1964. Texto para discussão, n. 585.

ALVES, Cesar C. Análise das Demandas Nacional e Internacional por Café Brasileiro (1961 – 2002). Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. São Paulo, Piracicaba Nov 2004.

ALVES, Phábia V.V. A Infraestrutura Logística e a Consolidação do Modelo Exportador de Base Primária Brasileira. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará. Centro de Tecnologia. Fortaleza, Aug 2016.

BARRA, Claudio; CROCCO, Marco. Moeda e Espaço no Brasil: um estudo de áreas selecionadas. Brazil. J. Polit. Econ. vol.24 no.3 São Paulo July/Sept. 2004 Epub Dec 20, 2019.

BESERRA, Renata L. Desempenho da Indústria Brasileira: uma análise da teoria da Base Exportadora. Monografia em economia - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo. Fortaleza Jun 2015

CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. T. A. Queiroz, vol5, Instituto de Economia Unicamp, Campinas, 2007.

CARDOSO, Fernando. H. O Café e a industrialização da cidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1960.

COSTA, Eduardo J.M. A cultura como chave para a dependência da trajetória na teoria institucionalista de Douglas North. Nova econ. vol.29 no.spe Belo Horizonte 2019 Epub May 15, 2020.

D'ARBO, Renata C. Desenvolvimento tecnológico na agricultura cafeeira em São Paulo e Ribeirão Preto, 1875-1910. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, Jun 2014.

EISINGER, P.K. The rise of the entrepreneurial state: state and local economic development policy in the United States. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

FAUSTO, B. Expansão do café e política cafeeira. In: FAUSTO, B. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III (4v.). O Brasil Republicano, 1º volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FERREIRA, Maria de Fátima S.; LEMOS, Mauro B. Localização Industrial In: Revista Econômica do Nordeste. Vol.31, N. Especial, Fortaleza, nov. de 2000.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961a.

GIAMBIAGI, F, VILLELA, L.B.C, HERMANN, J. Economia Brasileira Contemporânea, vol 2, 2011.

HADDAD, Paulo R. (Ed.). Planejamento regional; métodos e aplicação ao caso brasileiro. Rio de Janeiro: IPEA, 1972.

HOFFMANN, R. Estatística para economistas. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 2006.

INZUNCA, Sergio R; LEYVA, Santos L. Base exportadora y sistema de innovación regional. El caso de Sinaloa. Región y sociedad vol.20 no.43 Hermosillo sep./dic. 2008.

JACOBS, Jane. The Economy of Cities. Nova York, 1969.

JÚNIOR, Caio P. História econômica do Brasil 33 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LINS, Andréia E. Uma Aplicação da Teoria da Base Exportadora ao Caso Nordestino. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Economia. Recife Dec 2008.

NORTH, Douglass C. Location Theory and region economic growth. Journal of Political Economy, 63 (3): 243-58, jun. 1955, University of Chicago Press.

NORTH, Douglass C. Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional. Belo Horizonte: Cedeplar, 1977, p. 291-313.

SÁ PORTO, P.C. Economia Regional e Urbana. Apostila, 2020.

7. APÊNDICE

Apêndice 1:

Cód. SH2	Descrição do Capítulo
01	ANIMAIS VIVOS
02	CARNES E MIUDEZAS, COMESTÍVEIS
03	PEIXES E CRUSTACEOS, MOLUSCOS E OUTS. INVERTEBR. AQUÁTICOS
04	LEITE E LATICÍNIOS, OVOS DE AVES, MEL NATURAL, ETC.
05	OUTROS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL
06	PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA
07	PRODUTOS HORTÍCOLAS, PLANTAS, RAÍZES, ETC. COMESTÍVEIS
08	FRUTAS, CASCAS DE CÍTRICOS E DE MELOS
09	CAFÉ, CHÁ, MATE E ESPECIARIAS
10	CEREAIS
11	PRODUTOS DA INDÚSTRIA DE MOAGEM, MALTE, AMÍDOS, ETC.
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.
13	GOMAS, RESINAS E OUTROS SUCOS E EXTRATOS VEGETAIS
14	MATERIAS P/ENTRANCAR E OUTS. PRODS. DE ORIGEM VEGETAL
15	GORDURAS, ÓLEOS E CERAS ANIMAIS OU VEGETAIS, ETC.
16	PREPARAÇÕES DE CARNE, DE PEIXES OU DE CRUSTACEOS, ETC.
17	ACUCARES E PRODUTOS DE CONFEITARIA
18	CACAU E SUAS PREPARAÇÕES
19	PREPARAÇÕES A BASE DE CEREAIS, FARINHAS, AMÍDOS, ETC.
20	PREPARAÇÕES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS, DE FRUTAS, ETC.
21	PREPARAÇÕES ALIMENTÍCIAS DIVERSAS
22	BEBIDAS, LÍQUIDOS ALCOÓLICOS E VINAGRES
23	RESÍDUOS E DESPERDÍCIOS DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, ETC.
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDÂNEOS MANUFATURADOS
25	SAL, ENXOFRE, TERRAS E PEDRAS, GESSO, CAL E CIMENTO
26	MINÉRIOS, ESCORIAS E CINZAS
27	COMBUSTÍVEIS MINERAIS, ÓLEOS MINERAIS, ETC. CERAS MINERAIS
28	PRODUTOS QUÍMICOS INORGÂNICOS, ETC.
29	PRODUTOS QUÍMICOS ORGÂNICOS
30	PRODUTOS FARMACÊUTICOS
31	ADUBOS OU FERTILIZANTES
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORÍAIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.
33	ÓLEOS ESSENCIAIS E RESINOÍDES, PRODS. DE PERFUMARIA, ETC.
34	SABOES, AGENTES ORGÂNICOS DE SUPERFÍCIE, ETC.
35	MATERIAS ALBUMINOÍDES, PRODUTOS A BASE DE AMÍDOS, ETC.
36	POLVORAS E EXPLOSIVOS, ARTIGOS DE PIROTECNIA, ETC.
37	PRODUTOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA
38	PRODUTOS DIVERSOS DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS
39	PLÁSTICOS E SUAS OBRAS
40	BORRACHA E SUAS OBRAS
41	PELES, EXCETO A PELETERIA (PELES COM PELO), E COURO

42	OBRAS DE COURO,ARTIGOS DE CORREEIRO OU DE SELEIRO,ETC.
43	PELETERIA (PELES COM PELO),SUAS OBRAS,PELETERIA ARTIF.
44	MADEIRA,CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA
45	CORTICA E SUAS OBRAS
46	OBRAS DE ESPARTARIA OU DE CESTARIA
47	PASTAS DE MADEIRA OU MATERIAS FIBROSAS CELULOSICAS,ETC.
48	PAPEL E CARTAO,OBRAS DE PASTA DE CELULOSE,DE PAPEL,ETC.
49	LIVROS,JORNAIS,GRAVURAS,OUTROS PRODUTOS GRAFICOS,ETC.
50	SEDA
51	LA,PELOS FINOS OU GROSSEIROS,FIOS E TECIDOS DE CRINA
52	ALGODAO
53	OUTRAS FIBRAS TEXTEIS VEGETAIS,FIOS DE PAPEL,ETC.
54	FILAMENTOS SINTETICOS OU ARTIFICIAIS
55	FIBRAS SINTETICAS OU ARTIFICIAIS,DESCONTINUAS
56	"PASTAS ("OUATES"),FELTROS E FALSOS TECIDOS,ETC."
57	TAPETES,OUTS.REVESTIM.P/PAVIMENTOS,DE MATERIAS TEXTEIS
58	TECIDOS ESPECIAIS,TECIDOS TUFADOS,RENDAS,TAPECARIAS,ETC
59	TECIDOS IMPREGNADOS,REVESTIDOS,RECOBERTOS,ETC.
60	TECIDOS DE MALHA
61	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS,DE MALHA
62	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS,EXCETO DE MALHA
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTEIS CONFECCIONADOS,SORTIDOS,ETC.
64	CALCADOS,POLAINAS E ARTEFATOS SEMELHANTES,E SUAS PARTES
65	CHAPEUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE,E SUAS PARTES
66	GUARDA-CHUVAS,SOMBRINHAS,GUARDA-SOIS,BENGALAS,ETC.
67	PENAS E PENUGEM PREPARADAS,E SUAS OBRAS,ETC.
68	OBRAS DE PEDRA,GESSO,CIMENTO,AMIANTO,MICA,ETC.
69	PRODUTOS CERAMICOS
70	VIDRO E SUAS OBRAS
71	PEROLAS NATURAIS OU CULTIVADAS,PEDRAS PRECIOSAS,ETC.
72	FERRO FUNDIDO,FERRO E ACO
73	OBRAS DE FERRO FUNDIDO,FERRO OU ACO
74	COBRE E SUAS OBRAS
75	NIQUEL E SUAS OBRAS
76	ALUMINIO E SUAS OBRAS
78	CHUMBO E SUAS OBRAS
79	ZINCO E SUAS OBRAS
80	ESTANHO E SUAS OBRAS
81	OUTROS METAIS COMUNS,CERAMAIAS,OBRAS DESSAS MATERIAS
82	FERRAMENTAS,ARTEFATOS DE CUTELARIA,ETC.DE METAIS COMUNS
83	OBRAS DIVERSAS DE METAIS COMUNS
84	REATORES NUCLEARES,CALDEIRAS,MAQUINAS,ETC.,MECANICOS
85	MAQUINAS,APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS,SUAS PARTES,ETC
86	VEICULOS E MATERIAL PARA VIAS FERREAS,SEMELHANTES,ETC.
87	VEICULOS AUTOMOVEIS,TRATORES,ETC.SUAS PARTES/ACESSORIOS

88	AERONAVES E OUTROS APARELHOS AEREOS,ETC.E SUAS PARTES
89	EMBARCACOES E ESTRUTURAS FLUTUANTES
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA,FOTOGRAFIA,ETC.
91	RELOGIOS E APARELHOS SEMELHANTES,E SUAS PARTES
92	INSTRUMENTOS MUSICAIS,SUAS PARTES E ACESSORIOS
93	ARMAS E MUNICOES,SUAS PARTES E ACESSORIOS
94	MOVEIS,MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO,COLCHOES,ETC.
95	BRINQUEDOS, JOGOS, ARTIGOS P/DIVERTIMENTO,ESPORTES,ETC.
96	OBRAS DIVERSAS
97	OBJETOS DE ARTE,DE COLECAO E ANTIGUIDADES
99	TRANSACOES ESPECIAIS

Fonte: Comtrade database (UNCTAD)